

SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2005  
O ESTADO DE MINASBELO HORIZONTE  
CRÍTICA: MARCELO CASTILHO AVELLAR

Deboche é a resposta

Wagner Schwartz faz, com sua dança, uma paródia sobre o que a metrópole quer e o que ela oferece. O público de Belo Horizonte já assistiu a alguns trabalhos do performer Wagner Schwartz. Em meados de 90, por exemplo, ele apresentou A Metáfora da Colheita inspirado numa leitura estética do Butô, que então, era investigada em diversos lugares do Brasil. Ano passado no Rumos Dança, foi a vez do Transobjeto 1, que, a partir de hoje, integra sua apresentação no Fórum Internacional de Dança. Transobjeto parte de uma leitura de artistas e movimentos que marcaram o Brasil em época de contracultura, como Hélio Oiticica, Lygia Clark e o Tropicalismo. O que havia de comum entre os dois trabalhos? Wagner percebe o mundo e, particularmente, a cultura como um sistema de referências. Isso dá incômoda contemporaneidade à sua criação. Tudo bem que o mundo já era referencial antes de nosso tempo; mas os antigos não tinham tanta consciência disso. Eles acreditavam ou que modelos ideais existissem (como entre os renascentistas ou os neoclássicos), ou que era possível construir um produto cultural completamente novo (românticos e modernistas). As últimas gerações conseguiram algo que os integrantes de qualquer outra considerariam impossível. Nós, ao mesmo tempo, acreditamos na impossibilidade de modelos ideais e na impossibilidade de criação completamente nova. Em outras palavras, estaríamos condenados a digerir, de novo e eternamente, influências culturais e estéticas que, em si mesmas, já eram viciosas e imperfeitas. Como Wagner Schwartz vem lidando com tudo isso? Em A Metáfora da Colheita, sua resposta era a poesia. O Transobjeto foi uma espécie de declaração da inviabilidade daquela poesia. A nova resposta era um humor, mais do que irônico, sarcástico. Transobjeto é uma espécie de criação do sujeito do terceiro mundo fascinado pela metrópole europeia, mas, pela primeira vez na história, consciente de que a metrópole não o enxerga como igual, que o vê como curiosidade da periferia do mundo. No passado, respondemos a esse olhar oferecendo ao exterior uma estilização exótica do Brasil; na atualidade, Wagner Schwartz é um dos que respondem com o deboche, com uma paródia tanto do que a metrópole quer ver no terceiro mundo quanto do que esta oferece para se adequar a seu desejo de chegar ao centro do mundo.